Conhecendo os Profissionais da Psicopedagogia[*]

Maria Luiza Quaresma Soares da Silva

É uma grande honra participar desta coluna do Boletim Informativo Psicopedagogia.

Cursei Filosofia (UFPR, 1976) e Educação Musical (atual FAP, 1978), concluindo ambos os cursos no início da década de 1980. O projeto inicial era especializar-me em musicalização infantil; ao final do curso, porém, optei pela Pedagogia (UFPR). Em seguida, com o nascimento de meu terceiro filho, precisei fazer uma pausa na vida acadêmica e profissional, enquanto a família crescia. Mais tarde, fiz Psicopedagogia (PUCPR, 1994), conclui a Pedagogia (UTP, 1996) e, em 2000, no CEP-Curitiba fiz a Formação em Grupos Operativos com Jorge Visca e Laura Monte Serrat Barbosa. Com a Psicopedagogia, encontrei um novo caminho profissional, pois já fui secretária no Departamento de Educação da UEL, em Londrina, bancária, estagiária de arte pela Fundação Cultural de Curitiba, alfabetizadora de adultos, funcionária pública e microempresária.

Quando me pergunto como cheguei à Psicopedagogia depois de considerável caminhada e sem passar pelo magistério, reporto-me às primeiras vivências e aprendizagens: meus pais não tiveram oportunidade de estudar. A grande frustração de meu pai sempre foi não poder ler. Quando ingressei na escola e mostrei facilidade para os estudos, fui requisitada como alfabetizadora particular. Não obtive sucesso na tarefa, mas a frustração regou um futuro projeto.

Nos anos do ginásio, descobri a literatura. Acho que li todos os livros de Monteiro Lobato que havia na biblioteca da escola, além de outros autores indicados pelos professores. Houve um concurso de redação na escola, com direito a diploma entregue no auditório do único cinema da cidade, e fui contemplada.

Outra aprendizagem marcante da infância aconteceu na comunidade com a qual convivi. Meus pais são pernambucanos e vieram para o interior de São Paulo, na década de 1950, para trabalhar na agricultura. Associaram-se a uma família de cearenses e, a cada colheita de algodão,

[*] Texto publicado no Boletim Informativo Psicopedagogia, edição de maio, junho, julho e agosto de 2008.

grupos de sergipanos, alagoanos, bahianos, piauienses e outros agregavam-se naquela atividade que, para mim e meus irmãos, era uma grande festa. Havia épocas, as das boas colheitas, em que cerca de 30 trabalhadores alojavam-se nos galpões próximos a nossa casa. Durante o dia, colhiam; à noite, faziam arte: eram a contação de "causos" ao luar, a música de viola, o teatro de fantoches confeccionados por eles mesmos (o "Zé Matias", talhava os bonecos em madeira, enfeitando-os com adereços, inclusive dentes de ouro – o que era muito chique).

Mais tarde, na Filosofia, comecei a refletir sobre a desigualdade social, especialmente a do norte/nordeste do país. Percebi a responsabilidade de ser minoria numa universidade pública, conheci as idéias de Paulo Freire, do Henfil, a música, o teatro e o cinema de protesto... e, assim, fui moldando meu referencial prático-teórico. Desde a especialização, trabalho em escolas. Já fui orientadora, supervisora e professora de arte. Atualmente, atuo como psicopedagoga no Centro de Neuropediatria do Hospital de Clínicas - CENEP, dou aulas em cursos de pós-graduação e faço orientação a pais e professores. Em 2006, concluí o mestrado em educação (UFPR) na área de Cognição e Aprendizagem Escolar. Neste ano, inicio um novo trabalho com o Projeto de Extensão *Semeando Inclusão Social*, que é uma parceria entre a UFPR e a Associação de Pais e Amigos da Criança com Deficiência Motora - APACDM. Nele, crianças com paralisia cerebral ou disfunções cognitivas receberão intervenção para desenvolver habilidades complementares à formação escolar, utilizando o computador como recurso. A idéia surgiu após uma experiência como educadora voluntária no Comitê para Democratização da Informática - CDI.

Sou credenciada como associada titular da ABPp e filiada à Seção Paraná Sul desde 1994, de cuja diretoria parcticipei em duas gestões (1998-2001), como diretoria cultural adjunta e como secretária.

Acredito na prática psicopedagógica como instrumento mediador e promotor da aprendizagem tanto do aluno, quanto da família e da comunidade escolar, incluindo nesta os profissionais de apoio (fonoaudiólogos, médicos e psicólogos, entre outros). Acredito, também, que nosso papel é despertar o amor, a alegria e o prazer pelo conhecimento e, com isso, impulsionar a vida de cada um, em direção ao que há de melhor em e para todos nós.

Obrigada a ABPp pelo convite. Obrigada a vocês pela paciência da leitura.